

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921

ANO 75

N.º 23383

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 30 NOVEMBRO 95

10\$00

COM CORAÇÃO E LIBERDADE

— José Cardoso Pires —

Publicado em 1968 e traduzido até agora em dezassete países, um dos meus romances (O Delfim) abre com uma dedicatória de homenagem a Francisco Salgado Zenha. Para lá do seu significado imediato, esta referência envolve, da minha parte, um compromisso de admiração e de amizade que se prolonga para lá das fronteiras e do tempo.

Falar de um homem tão reconhecido pela sua coragem, inteligência e formação cultural é sublinhar um lugar-comum na história da vida portuguesa dos últimos cinquenta anos. Reconhecer-lhe a dignidade e o orgulho com que enfrentou as ideias e os adversários e a lealdade discreta e sensível das suas relações de amizade é uma adjetivação desnecessária no traçado do seu perfil.

Recordo-o, tento recordá-lo, na sua imagem mais íntima e mais casual. Na ironia tantas vezes saudável com que alegrava o convívio, na agudeza deslumbrante com que equacionava os problemas e definia os indivíduos, na tolerância em relação aos outros e no rigor na confrontação consigo próprio. Vejo-o em Braga, na rua de São Vicente, mais lisboeta do que em Lisboa, ou numa tarde de touros em Badajoz a aplaudir, com Jorge Sampaio, o genial António Ordoñez com a surpresa de um iniciado nas lides da arena. E lembro-me, jamais poderei esquecer esse momento, do silêncio triste com que ele me olhou quando lhe

perguntei se era verdade que, quando preso no Aljube na qualidade de Presidente da Associação Académica de Coimbra, o fascista Amândio César tinha andado a recolher assinaturas para que o condenassem à pena de morte.

Sim, são momentos desses que me apetece recordar num homem de vida tão grande e de prestígio histórico tão incontestável como o Francisco Zenha. Para trás fica o mundo terrível onde nos conhecemos e o instante maravilhoso em que, muitos anos depois, o acordei pelo telefone para lhe anunciar que a Revolução dos Cravos estava na rua. Por isso, por tudo o que aprendi nele e na generosidade do seu grande coração, sinto que me falta a frase porque a memória se aviva e me encandeia com tal luz que só sei escrever Saudade.

26 de Novembro de 1995

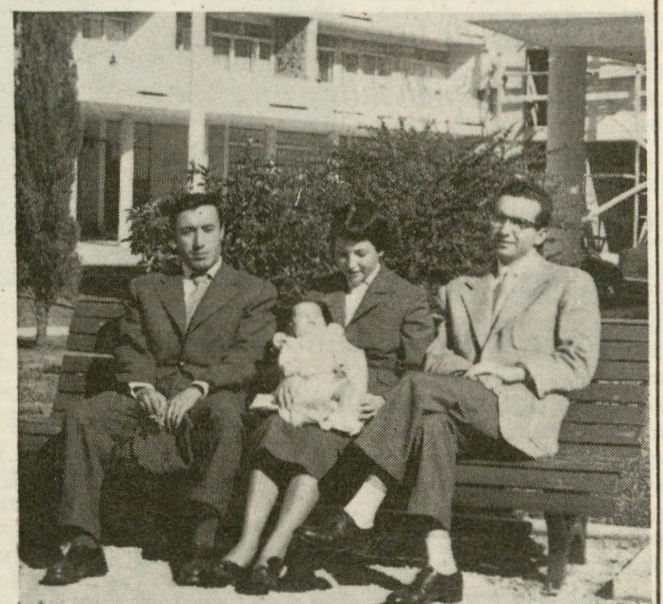
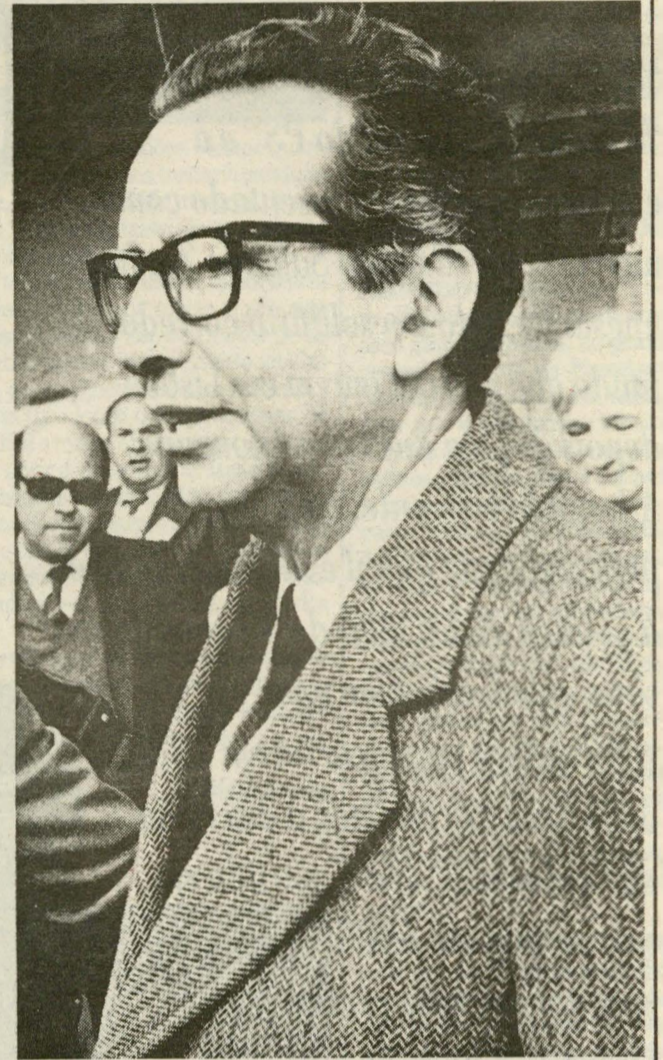
HOMENAGEM A ZENHA

É com a devida vénia, e os nossos agradecimentos aos respectivos editores e directores, que transcrevemos as reportagens e os artigos publicados pelos jornais «Correio da Manhã», «Diário de Notícias», «Público» e da revista «Visão», nos dias seguintes ao do falecimento, há dois anos, de Francisco Salgado Zenha. É uma forma modesta de o «DL» prestar homenagem a um homem grande, por quem a admiração em vida deixou um rasto de memória que não desaparecerá, embora um pouco tardia, mas infelizmente o «Diá-

rio de Lisboa» trocou os dias pelos anos, e o tempo tem hoje outro valor.

José Cardoso Pires, que foi compadre, e amigo de sempre de Zenha, e que esteve na linha da frente deste jornal nos anos difíceis de 1974 a 1976, escreve, de novo, o editorial de primeira página, com sentimento e amizade, mas também com a enorme mestria que o torna indiscutivelmente o número um da literatura portuguesa. O «Diário de Lisboa» fica-lhe grato, uma vez mais.

António Ruella Ramos



Da esquerda para a direita: José Cardoso Pires, sua mulher Edite com Ana Cardoso Pires ao colo, e Salgado Zenha, padrinho da neófito. Local e data: Bairro das Estacas, à Avenida de Roma, onde Zenha teve a sua primeira residência em Lisboa, ano de 1959



Esta edição especial destina-se a assegurar a manutenção do título «Diário de Lisboa».

PÚBLICO

Diário de Notícias

ANO 199 N.º 45 514
TERÇA-FEIRA, 2 DE NOVEMBRO DE 1993

Salgado Zenha

1923-1993



O homem a quem Mário Soares chamou um dia a "referência moral do PS", Francisco Salgado Zenha, morreu ontem de manhã em Lisboa, depois de uma doença prolongada. De activo combatente contra o regime salazarista a candidato presidencial, Zenha possui um impressionante currículo político. Foi ele quem negociou, em 1975, a revolta da Condição entre Portugal e a Santa Sé, introduzindo o divórcio no Direito português. Liderou ainda a luta contra a emigração sindical, também em 1975. "Companheiro de luta" de Mário Soares, acabaria desvirtuado, sendo mesmo, em 1986, alvo adversário na corrida presidencial. O PÚBLICO recorda, hoje, o percurso político de Francisco Salgado Zenha.

Depoimentos de Mário Soares
e Ramalho Eanes

p. 2 e 3



**Salgado Zenha:
a morte
da consciência**

A morte de Salgado Zenha deixa um vazio moral que políticos de todos os quadrantes são unânimes em reconhecer PÁGINA 6

VISÃO
Um homem justo

ISABEL SOARES

CORREIO da Manhã

O ÚLTIMO COMBATE DE SALGADO ZENHA